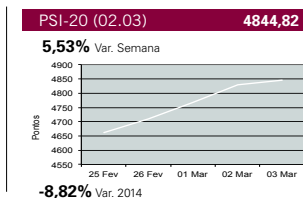


MERCADOS



Dow Jones 2/Mar	16849,39	DAX 2/Mar	9776,62
Var Sem	2,18%	Var Sem	6,64%
Var 2014	-3,33%	Var 2014	-9,00%
Nasdaq 2/Mar	4676,641	CAC40 2/Mar	4424,891
Var Sem	2,94%	Var Sem	6,49%
Var 2014	-6,62%	Var 2014	-4,58%
IBEX 35 2/Mar	8764,50		
Var Sem	9,37%		
Var 2014	-8,17%		

COLABORAÇÃO: BANCO POPULAR

PREVEEM À “VIDA ECONÓMICA” ESPECIALISTAS NA ÁREA

Portugal tem condições para ter banca ética no médio prazo

Portugal tem condições para ter banca ética no médio prazo. Essa opinião foi deixada à “Vida Económica” por alguns especialistas na área, que se reuniram no segundo Fórum de Finanças Éticas e Solidárias, que se realizou na Faculdade de Economia da Universidade do Algarve, em Faro, entre 19 e 21 de fevereiro.

AQUILES PINTO
 aquilispinto@vidaeconomica.pt

“Acredito que em todas estas áreas têm vindo a ser dados pequenos grandes passos no sentido de se poder sonhar a médio prazo com um primeiro banco social, ou outra forma jurídica de suporte ao financiamento social”, disse à “Vida Económica” João Gil Pedreira, organizador do evento.

Aquele responsável recorda que Banca Popolare Etica, o Fiare Banca Etica, o Charity Bank, entre outros, “demoraram mais de dez anos, entre o momento em que se dá o primeiro passo e o momento em que se constituem como um banco”, regulamentado e supervisionado pelos seus respetivos bancos centrais. “O caminho é longo”, acrescenta.

João Gil Pedreira avisa, de resto, que em Portugal poderá ser ainda mais longo esse percurso. “Há questões de fundo relacionadas com vários fatores que tornam esta caminhada especialmente trabalhosa em Portugal: uma falta de confiança inter-pessoal reconhecida pela própria OCDE, uma tradição pouco relevante no movimento associativo e no desenvolvimento de iniciativas cidadãs, um histórico político propício à existência de fortes resistências à criação e ao desenvolvimento de cooperativas, que muitas das vezes estão na base dos bancos sociais, uma regulamentação bastante limitativa por parte do banco central e da própria CMVM, entre outros”, salienta.

O secretário-geral da Associação Nacional de Direito ao Crédito (ANDC), José Centeio, salienta a falta de consciência para a importância da banca ética. “Em Portugal, por razões que não vêm ao caso, não existe uma consciência social sedimentada na procura de experiências alternativas coletivas, na constituição de redes da economia social e solidária. Basta lembrar que no nosso país se continua apenas a falar em



José Centeio, ANDC.



João Gil Pedreira, FFE.



Malcolm Hayday, fundador do Charity bank.



Peru Sasia, Banca Etica.

economia social, ignorando todas as experiências e práticas que nas últimas décadas se foram construindo, como, por exemplo, as moedas sociais e as feiras de troca. Este é um trabalho e um objetivo que o Fórum de Finanças Éticas e Solidárias se propõe, conscientes de que ainda nos resta um longo caminho a percorrer. A implementação de um banco ético exige a construção de uma consciência social forte sedimentada numa rede da economia social e solidária capaz de, na sua diversidade e pluralidade, ser aglutinadora de vontades”, indica aquele responsável pela ANDC.

“É essencial que Portugal tente”

O inglês Malcolm Hayday, fundador e ex-presidente do banco social Charity Bank, e que esteve presente no evento, refere ser “essencial que Portugal tente” a

criação de um setor de banca ética. “Há, no presente, dois bancos com base em Espanha e ambos com parceiros em outros países: o Triodos Bank España e o Fiare Banca Etica. Há iniciativas para a criação de bancos na Croácia e na Estónia. Portanto, porque não em Portugal? Já houve experiências para o desenvolvimento de uma bolsa de valores social em Portugal. Os bancos com base nos valores já provaram que têm um modelo de negócios mais robusto e resiliente, ao mesmo tempo que investem numa sociedade mais justa e ecológica. Requer vontade política, empenhamento, passar da filantropia empresarial e responsabilidade social das empresas para um modelo de negócio baseado em valor partilhado e grande determinação para não aceitar que não pode ser feito. Mas é essencial que Portugal tente”, considera Malcolm Hayday.

Peru Sasia, basco, fundou e preside ao Fiare Banca Etica, tem opinião semelhante. “Não conheço de forma profunda a realidade portuguesa, mas, tanto quanto sei, as duas maiores forças motrizes que geram projetos de finanças éticas estão presentes. Primeiro, a massa crítica de pessoas e organizações que procuram produtos e serviços disponibilizados por bancos que oferecem uma operação transparente e impacto social da operação de crédito. Segundo, um grupo de agentes sociais que pensam no significado do real reconhecimento do direito ao crédito na atual conjuntura especial e que pretendem atender às situações em que este direito não é respondido”, explica. “Como reconheço estas duas forças motrizes em Portugal, posso antever um bom ecossistema para as finanças éticas”, acrescenta Peru Sasia.